



Fábio Sirota

CURSO – ENG. MECÂNICA/USP E ENG. DE PRODUÇÃO/POLITECNICO DI MILANO

“No Etapa a gente aprende muito a se virar, aprende a otimizar as coisas, a usar melhor o tempo”.

Fábio Sirota entrou na Poli em 2014, no curso de Engenharia Mecânica, e passou os últimos dois anos na universidade italiana Politecnico di Milano fazendo Engenharia de Produção, no programa de duplo diploma de sua faculdade. De volta ao Brasil, ele completa neste semestre a graduação na USP e inicia estágio em uma consultoria. Aqui ele faz um relato sobre sua formação na Poli e em Milão, e lembra seus tempos no Ensino Médio.

JC – Como foi a escolha de Engenharia, especificamente a Mecânica, como carreira?

Fábio – Eu decidi por Engenharia pela questão da flexibilidade. E Mecânica porque sempre gostei muito de entender como as coisas eram construídas e como funcionavam. Até o 2º ano do Ensino Médio eu não sabia muito o que queria para minha vida. O que ajudou bastante na decisão foi um programa do Etapa no 3º ano, em que conversava com o pessoal para conhecer carreiras e entender um pouco mais do que gostava e do que não gostava.

Além da Fuvest, você prestou algum outro vestibular?

Prestei Unicamp e Enem. Fui aprovado na Unicamp e, pelo Enem, na UFSCar, em São Carlos.

Por que preferiu estudar na Poli?

Essa escolha foi por dois motivos: primeiro, o nome que a USP tem; segundo, porque eu morava próximo da Poli, então seria muito mais fácil para mim em termos de rotina e mobilidade.

Meu pai se formou na Poli em Engenharia Elétrica e sempre gostei muito da Cidade Universitária, ia passear lá, ia andar de bicicleta.

O que motivou você a vir estudar aqui?

No colégio em que estava antes, eu não me sentia muito desafiado e meus pais estavam buscando outras opções. Pelo nome do Etapa, como um colégio com maior possibilidade de expansão de conhecimento, a gente decidiu que vir para cá era o melhor.

Você se adaptou bem ao nosso sistema de ensino, com provas diárias?

Duvido que tenha alguém que entre no Etapa e não se assuste um pouco no primeiro momento com a quantidade de provas e todo o sistema de ensino. Mas, de maneira geral, eu consegui me adaptar bem. Sempre fui estudioso, então conseguia acompanhar bem as coisas. E foi importante poder conhecer bastante gente diferente. Ter contato com tantas pessoas foi muito bacana, facilitou bastante o início.

ENTREVISTA

Carreira – Engenharia Mecânica/Engenharia de Produção **1**

CONTO

Dentro da noite – João do Rio **4**

ESPECIAL

Colégio Etapa Valinhos inaugura Espaço Maker **6**

ESPECIAL

Aluno do Etapa conquista medalha na Olimpíada Internacional de Química (IChO) **8**

ESPECIAL

Alunos do Etapa se destacam na Olimpíada Internacional de Astronomia e Astrofísica (IOAA) **8**

Você chegou a fazer atividades extras?

Eu participei da Olimpíada de Física por três anos e consegui três medalhas. Também fiz olimpíadas de Matemática. E ao longo do 3º ano, e até um pouco depois, como ex-aluno, eu participei do Clube de Cinema. Em 2014, já na Poli, participei quase o ano inteiro do Emun, que era a parte de simulação de comitês da ONU. O tempo que eu passei no Emun foi muito bom, você está em um ambiente exigente, tem que trazer argumentos, saber falar, saber se comunicar. Realmente me ajuda até hoje.

Você chegou a pensar na possibilidade de não passar no vestibular direto do Ensino Médio?

Olha, eu acho que estava bem preparado, mas um ano de cursinho não ia ser um grande peso na minha carreira. O cursinho é sempre uma nova experiência, muitos amigos meus da faculdade fizeram.

Quando entrou na Poli, você se adaptou tranquilamente?

Eu consegui me adaptar bem, porque em alguns aspectos era parecido um pouco com o Etapa. Na questão da cobrança, da pressão como um todo, na dificuldade das provas, tinha alguma correlação. No Etapa a gente aprende muito a se virar, aprende a otimizar as coisas, a usar melhor o tempo.

Em linhas gerais, o que você estudou na Poli?

Os dois primeiros anos da Poli são o Biênio, comum para a maioria das Engenharias. A gente tem matérias mais básicas, todos os Cálculos, todas as Físicas, Álgebra Linear e algumas introduções para cada engenharia. No 3º ano fica bem mais específico, começam Termodinâmica, Mecânica dos Fluidos, Mecânica dos Sólidos, coisas bem mais complexas em termos técnicos. No 4º ano o curso se aprofunda, com elementos de máquinas e termodinâmicas e análises mais complexas.

Como o curso é estruturado?

São três grandes áreas: a Engenharia Mecânica dura, que é avaliar se uma estrutura vai estar rígida ou não, como ela recebe os esforços; a Mecânica Fluida, que é Termodinâmica, Mecânica dos Fluidos, que trata de calor, de água, de motor, todas essas coisas; e a Mecânica de Elementos, que são os elementos de máquina, os pedaços – tipo um carro, tem porca, parafuso –, toda essa parte a gente estuda. No 4º ano é a finalização desse ciclo. E no 5º ano você escolhe uma ênfase. Dá para escolher ênfase até em outra Engenharia, desde que tenha correlação com a sua. Eu, como fiz o duplo diploma, não preciso escolher ênfase, porque o duplo diploma vale como ano de ênfase. Em Milão eu não fiz curso de Engenharia Mecânica, fiz Engenharia de Produção.

Por que você fez essa mudança?

No duplo diploma eu não queria fazer Mecânica de novo e rever as mesmas coisas, mesmo mais específicas, por isso optei por Engenharia de Produção, que é mais generalista. Fiz Engenharia de Produção com ênfase em Empreendedorismo e Inovação, que é um negócio pelo qual eu sempre tive interesse dentro da Poli. No começo da faculdade eu entrei na Empresa Júnior, em que a gente já faz trabalhos

de engenheiro. E aí eu fui vendo que tem muito mais áreas em que podemos trabalhar do que somente na especialização em Engenharia Mecânica, Engenharia Elétrica. Depois de três anos e meio na Empresa Júnior, onde fui desde *trainee* até diretor, vi que a parte de Produção, de Administração de Empresas, de pessoas, de recursos é muito interessante. Na Empresa Júnior eu fiz eventos, vendi projetos, um monte de coisas, negocie com clientes e fornecedores.

O que você estudou na Itália?

A faculdade que eu fiz, o Politecnico di Milano, é a terceira melhor em Engenharia na Europa. No primeiro ano eu vi conteúdos de estratégias, de *marketing*, finanças, de chão de fábrica, de operacionalização de processos, uma coisa mais genérica. O segundo ano foi mais focado na ênfase, no meu caso em Inovação e Empreendedorismo. Vi muito como fazer um processo criativo, como desenvolver uma *startup*, quais os principais problemas e riscos que você deve levar em consideração. É meio que um curso voltado para a criação de uma empresa. Basicamente, a geração de ideias e como lançar essas ideias no mercado de trabalho.

Você entrou muito na parte de Administração?

Sim, com certeza. A gente brinca que Engenharia de Produção é a Administração com Cálculo.

As aulas eram em italiano?

Não. Todas em inglês.

Então todo o seu processo de admissão na faculdade de Milão foi em inglês?

Não. O processo é feito inteiramente na Poli. Tem um sistema em que você se inscreve, coloca sua ordem de licença da faculdade, o seu currículo, e os professores avaliam sua nota, sua média no curso, suas participações, se você é apto ou não, e depois tem uma entrevista com os professores, que definem quem vai ser aprovado.

Já tem um tema para o TCC?

Vai ser basicamente um modelo de negócios de criação de casas modulares parecido com o Minha Casa Minha Vida. Vamos estudar como é feito isso no Brasil e propor um modelo mecanicamente mais eficiente. Vou fazer em dupla com uma amiga que foi estudar na França. O curso dela foi mais de Mecânica, mas com um grande pé em Produção.

O TCC já está em andamento?

O meu caso é um pouco mais específico, porque como fiz o duplo diploma com Engenharia de Produção não posso fazer uma correlação direta do meu TCC na Itália com o TCC na USP.

Na Itália você teve que entregar um TCC também?

Sim. O curso que fiz é o de *master*, que é como se fosse o mestrado e tem que entregar um trabalho de conclusão de curso também.

Sua graduação na Itália equivale a um mestrado?

É um pouco complexa essa tradução de termos. Na Europa o curso que eu fiz é o *master*. Dependendo do curso você pode

conseguir traduzir isso como um mestrado no Brasil. Mas como fiz isso com a Poli, vale como se fosse uma extensão e não é possível traduzir oficialmente como um mestrado. Fiz mais pela experiência, pelo conhecimento, não só pelo mestrado.

Você já tem alguma coisa engatilhada em relação a estágio?

Na questão de estágio a gente tem uma oferta muito grande na Poli. As empresas têm processos exclusivos para o pessoal do duplo diploma. Vão atrás dessa galera que tem um diferencial no currículo. Eu vou estagiar na consultoria Visagio. Consultoria é um ramo em que estou bem interessado.

Ainda na Itália, você já acertou a questão do estágio?

Sim. Eles fazem um processo a distância e já acertam isso. A maioria das grandes consultorias de São Paulo faz processos de admissão para o pessoal com duplo diploma.

Durante o intercâmbio você conseguiu passear por outros países, conhecer outras culturas?

Conheci muitas culturas e coisas diferentes. Fui para a França, Bélgica, Holanda, Alemanha e Turquia. Na Europa é muito fácil viajar.

Quais matérias da época do Etapa se mostraram mais valiosas para você nessa sua temporada na Europa?

História da Arte, História em geral e Literatura. Eu fui a Florença, vi um quadro e me lembrei do professor de História da Arte falando dele. Pensei: “Nossa, que loucura, estava vendo isso no colégio e agora o quadro está na minha frente”. Foi incrível. Também as matérias de História em geral, na Itália o Renascimento, em Berlim toda a questão da Segunda Guerra Mundial, os campos de concentração, tudo com muito impacto. A parte de Literatura, não só no intercâmbio, mas como um todo, pegar um texto e ler realmente, saber o que o autor queria dizer, ler as entrelinhas. Você pode estar em uma negociação, vendendo um projeto e conseguir entender além do que o cara está lhe dizendo. A Literatura ajuda muito a conseguir essa visão além do que está sendo mostrado. Se pudesse voltar aos tempos de Etapa, eu sentaria na primeira fileira para prestar mais atenção nas aulas dessas matérias.

Neste último semestre na Poli, qual é a sua maior preocupação? É o TCC, o estágio, a empregabilidade ou é outra coisa?

Acho que é conseguir fazer tudo em pouco tempo. Se quisesse, eu poderia estender a faculdade por mais um ano e meio, mas quero me formar neste ano. Só que para isso eu tenho que conciliar todas as atividades, o TCC, estagiar, fazer algumas matérias, ver a vida pessoal e a vida familiar. E só o fato de voltar para o Brasil já é um processo para se reacostumar com todas as coisas.

Daqui a pouco você estará formado. Sua cabeça está mais na área da Mecânica, Produção ou em outra área?

O meu grande foco é trabalhar com consultoria, que pega uma grande parte de Produção. Esse vai ser o meu foco de carreira neste momento. E quem sabe no futuro eu empreenda em alguma coisa do meu interesse.

Quais recordações você guarda da época do colégio?

Nossa, bastante coisa. Há muita gente com quem eu converso ainda, as gincanas, que eram um momento muito legal, que dá muita saudade. E acho que do ambiente como um todo, a rotina do Etapa. Você chega e tem toda a galera para conversar, almoçar junto. A vida em torno do Etapa é uma rotina bacana.

Que dica você pode dar a quem está em dúvida em relação à carreira? E por que escolher a Poli?

A Poli é uma ótima faculdade, de renome no mercado. Deve ser levada em consideração, mas eu acho que a principal coisa são as portas que ela vai abrir para você. Tem muita coisa que você pode fazer dentro da Poli. E, na Engenharia, daqui a pouco você pode estar criando empresa, pode estar trabalhando no setor de fábrica, em um banco, em consultoria ou dando aula. É uma área muito abrangente.

Você quer dizer mais alguma coisa para os nossos alunos atuais?

Se eu pudesse mandar uma mensagem, seria: não tem escolha certa ou errada, é só traçar a sua carreira da melhor maneira para você se sentir bem. Na Poli, a sua primeira decisão não é a final, porque tem muita possibilidade de transferência interna. Existe uma mobilidade e uma flexibilidade ali dentro que é importante.

AGENDA CULTURAL

Valinhos

Clube de Cinema (segunda, às 16h05min)
09.09 – *Reconstrução* (Tiago Iorc: 2019) – Sala 408

Clube de Leitura (terça, às 14h05min)
17.09 – “O papel de parede amarelo” (Charlotte Perkins Gilman) – Sala 408

Clube de Atualidades (segunda, às 14h05min)
09.09 – Sala 216

São Paulo

Clube de Cinema (quintas, às 19 h)
12.09 – *Clube da luta* (David Fincher: 1999) – Sala 64
19.09 – *The Square* (Ruben Östlund: 2017) – Sala 64

Clube de Leitura (segunda, às 19 h)
16.09 – “O coração denunciador” (Edgar Allan Poe) – Sala 66